

CARLOS MARCELO

cmarcelo@cbdata.com.br

Agonia de um cinema

10 JUN 1999

Combalida pela crise econômica, que vem impedindo a realização de dezenas de projetos, a cultura brasileira sofre também com o esvaziamento de um de seus pontos de referência. O Cine Brasília, a mais importante sala de projeção da cidade, encontra-se em estado desolador.

Quem se arriscou no último domingo a assistir à curiosa produção holandesa *Minha Amada Irmã*, deu de cara com cenas explícitas de abandono. Logo na bilheteria, o aviso: "ar condicionado com defeito", eufemismo para disfarçar o fato que o sistema de refrigeração da sala está quebrado. Na sala de espera, nenhuma informação sobre o filme em cartaz — nada de cartazes, impressos ou fotografias capaz de fazer o público obter alguma informação adicional sobre a atração do dia.

Dentro do cinema, mais sinais de deterioração: várias das 607 poltronas estão quebradas, o carpete se encontra em estado lastimável. Até uma escada foi displicentemente esquecida no canto esquerdo da sala. Imagem completamente distante das noites de agitação que marcam as edições do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

A revitalização do Cine Brasília

deveria ser prioridade da Secretaria de Cultura, mas, até agora, nada de concreto foi anunciado. Não está clara, por exemplo, qual a política de exibição da sala — se é que há alguma. Quais são os critérios que levam os responsáveis pela programação da sala a reprisar pela enésima vez *Os Corações Loucos*, de Bertrand Blier, como foi feito mês passado? Ou a suspender a oferta de dois filmes no mesmo dia, como era comum até o final do último ano?

Mesmo a vocação para ser o "templo do cinema brasileiro" está cada vez mais arranhada. Os diretores de três das mais comentadas produções nacionais do ano — *Um Copo de Cólera*, *Orfeu* e *Tiradentes* — estiveram em Brasília para conversar com o público brasileiro sobre suas recentes realizações. Nenhum deles sequer passou perto da sala da Asa Sul. Os debates aconteceram na Academia de Tênis e em espaço cultural do Ministério da Cultura, onde os filmes foram exibidos. Cinema brasileiro no Cine Brasília, só mesmo em reprises despropositadas como a de *Sargento Getúlio*, anunciada para a próxima semana.

O mais triste é saber que, pela localização privilegiada e tradição, o

Cine Brasília tinha tudo para ser um dos pontos de encontro dos cinéfilos da cidade, nos moldes do Espaço Unibanco (SP) ou Estação Botafogo (RJ). Basta lembrar que a única semana de casa cheia que a sala teve este ano aconteceu durante a realização da mostra de novos filmes italianos, promovida pela Embaixada da Itália. A entrada foi gratuita e os títulos exibidos não eram lá essas coisas, mas a experiência demonstrou que existem centenas de pessoas ávidas em conhecer mais exemplares da produção *off-Hollywood*.

Intensificação das parcerias com embaixadas, debates com a presença de atores e diretores, pré-estréias de filmes badalados (mas não apenas para convidados como a de *Desconstruindo Harry*, de Woody Allen, realizada anteontem sem nenhum tipo de aviso prévio)... não faltam formas de incentivar a volta do público. A maioria delas depende quase que exclusivamente de criatividade, não de polpudos recursos. O Cine Brasília precisa, com urgência, de mais atenção — não só dos órgãos oficiais como da própria classe cinematográfica local. Afinal, não há nada mais melancólico do que assistir à agonia de um cinema.